

# A nova fase da primazia norte-americana: o que se pode esperar até 2041?

Ricardo Ferreira Flôres Filho<sup>1</sup>

Joseph Nye Jr. é professor catedrático e ex-reitor da John F. Kennedy School of Government, na Universidade de Harvard, Estados Unidos. Durante mais de cinquenta anos – após obter o título de PhD em Ciências Políticas (pela própria Universidade de Harvard) –, trabalhou em três agências do governo norte-americano, participou em diversas pesquisas em “*think tanks*” nos EUA e também em diversas instituições de outros países (dentre os quais constam Suíça, Canadá, Inglaterra e Uganda), onde ora atuou como professor visitante, ora como pesquisador/colaborador em pesquisas na área da Ciência Política (NYE JR., 2016). Devido à sua ativa publicação na área – mais de 150 artigos em jornais e revistas de relevância e 14 livros –, Nye é considerado por muitos acadêmicos como um dos pensadores mais influentes para a Política Externa e Relações Internacionais das últimas duas décadas.

Ao lado de Robert Keohane, Nye é co-fundador da teoria neoliberal de Relações Internacionais – elaborada a partir da publicação de *Power and Interdependence*, em 1977. Nessa obra, Nye e Keohane desenvolvem os importantes conceitos de interdependência assimétrica e complexa. A partir dos anos 2000, Nye dedica-se às questões envolvendo as formas de poder – contexto no qual acabou por desenvolv-

er o conceito de *Soft Power*, que seria a habilidade de um ator em fazer os outros alcançarem os resultados que aquele busca para si, por meio da atração ou persuasão (NYE, 2015)<sup>2</sup>. De acordo com o autor, tal forma de poder contrastaria com aquela operada por meio da coerção (“*sticks*”) ou de pagamentos (“*carrots*”)³.

Dentre a vasta bibliografia produzida por Nye, a mais recente é a obra *Is the American Century Over?*, cuja análise é proposta através desta resenha. Tendo sido publicado em 20 de janeiro de 2015 (há pouco mais de um ano), o livro em questão resume os seus pensamentos de mais de duas décadas acerca da posição ocupada pelos Estados Unidos na balança global de poder. Dessa forma, a obra aqui resenhada entra no conjunto de muitas outras publicadas recentemente, cujo objetivo é analisar o possível declínio norte-americano, a partir do surgimento de uma nova ordem mundial.

Atendo-se à sua maneira clara e distinta de escrever, Nye divide a sua análise em sete seções dentro do livro. Primeiramente, o autor preocupa-se em livrar-se de falsas verdades a fim de encontrar o marco inicial mais lógico e plausível para o início do Século Americano. Nesse ponto da obra, Nye relembra a edição de fevereiro de

<sup>1</sup> Graduando em Relações Internacionais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

1941 da revista *LIFE*, na qual Henry Luce – no contexto do rompimento da política isolacionista e da entrada de Roosevelt na Segunda Guerra Mundial – cunha o termo *American Century*. Portanto, uma vez estabelecido o marco inicial (1941), Nye faz o recorte temporal que servirá de análise durante toda obra, utilizando-se do quarto de século futuro para elaborar um cenário, respondendo à pergunta feita no título do livro.

Um outro fator que merece a atenção do autor na primeira parte do livro é a escolha de um termo, que não “hegemonia”, para justificar o Século Americano. De acordo com Nye, esse termo é usado de forma diversa e confusa por muitos autores, não sendo possível obter um consenso geral sobre quais formas ou recursos de poder constituem uma hegemonia. Em concordância com Henry Kissinger, ele afirma que nunca uma verdadeira ordem global existiu<sup>4</sup> – uma vez que as influências e as instituições criadas pelos recursos norte-americanos não atingiram e/ou incluíram países como a China, a Índia, a Indonésia e o Bloco Soviético. Diante desse imbróglio, Nye prefere usar os termos “primazia” ou “proeminência” para definir a posição de um país detentor de uma parte desproporcional dos três recursos de poder – no caso, os Estados Unidos. Portanto, o Século Americano constitui, segundo o autor, o intervalo histórico 1941-2041, caracterizado pela primazia dos recursos de poder norte-americanos.

A segunda seção do livro (*“American Decline?”*) se propõe à discussão acerca do declínio dos EUA. Para tanto, Nye faz uma breve análise histórica, a fim de encontrar evidências que corroborem a sua ideia de que as entidades política são construções sociais cuja longevidade é difícil de ser mensurada. Sendo assim, o declínio de um país não pode ser observado da mesma forma que se pode observar em um ser humano – em que o estado de velhice mostra, com mais clareza, a aproximação ao fim do ciclo de sua vida. Na esteira, Nye considera que a maior reverberação acerca do declínio norte-americano nos últimos anos

constitui muito mais um fenômeno psicológico do que resultado de uma análise geopolítica propriamente feita. Diante dessa questão, o autor dá sequência à análise salientando a importância de se compreender os dois tipos possíveis de declínio: relativo ou absoluto. O primeiro seria referente à perda de influência relativa, causada pelo aumento da influência de outros atores externos; enquanto o declínio absoluto estaria relacionado à decadência ou à deterioração dos recursos internos de um país.

Para entender de que forma o declínio relativo dos Estados Unidos poderia acontecer, Nye elege os possíveis atores capazes de desafiar a primazia norte-americana – constituindo esse grupo a União Europeia, o Japão, o Brasil, a Índia, a China e a Rússia. Dentre esses, considerando a importância que é dada à China (tratada como o país mais provável de contrapor a primazia dos EUA), Nye dedica uma seção da sua obra para analisar os recursos militares, econômicos, culturais e diplomáticos dessa potência asiática. Ao comparar os recursos chineses com os norte-americanos, Nye conclui que a China ainda deixa a desejar – no que se refere às três dimensões de poder –, quando comparada aos Estados Unidos. Todavia, é importante salientar que, em certos pontos da obra, são reconhecidos os níveis de simbiose (sobretudo na esfera econômica) que esses dois países acumulam entre si.

No que se refere ao declínio absoluto, o autor trata da questão tomando como ponto de partida uma análise feita pelo ex-articulista do *The Atlantic*, Cullen Murphy, em 2007, na qual este busca comparar o declínio dos Estados Unidos com aquele que sofreu o Império Romano<sup>5</sup>. Frente a essa pergunta, Nye utiliza-se do mesmo método: análise dos recursos de *Soft Power* (concernentes tanto à imagem que os americanos têm da própria cultura e da sociedade norte-americana quanto àquela que é vista no plano estrangeiro) e a mensuração do poderio militar e econômico norte-americano. A partir daí, ele conclui

<sup>2</sup> Na obra *Is the American Century Over?*, Joseph Nye cita o que foi introduzido pelo mesmo em *Soft Power: The Means to Success in World Politics*, originalmente publicado em 2004 pela editora Public Affairs (Nova Iorque).

<sup>3</sup> *Ibid.*

<sup>4</sup> Para um conhecimento mais detalhado, ler a obra de Henry Kissinger, citada pelo autor (KISSINGER, Henry. *World Order*. Nova Iorque: Penguin, 2014. p.432).

<sup>5</sup> Para um estudo mais aprofundado sobre o tema, ler a obra de Cullen Murphy usada por Joseph Nye na 5ª seção do livro (MURPHY, Cullen. *Are We Rome? The Fall of an Empire and the Fate of America*. Nova Iorque: Mariner Books, 2007. p.272).

que alguns fatores poderiam causar o declínio dos EUA – tais como a redução dos recursos ou a falta de conversibilidade desses mesmos recursos em poder efetivo. Dessa forma, são relativizados, na obra, os sérios problemas enfrentados pelos Estados Unidos, como a dívida pública, a desigualdade social e o impasse político. Com relação a este último, os chefes de Estado precisariam conscientizar-se de que outros atores surgiram e que a participação deles é fundamental para o aproveitamento dos recursos de um país.

Quando Nye compara a dificuldade chinesa em desenvolver o seu *Soft Power* com a excelente desenvoltura norte-americana, chama a atenção para a resistência da China em reconhecer que a participação de atores não estatais nesse âmbito é muito relevante. Por outro lado, os cenários cinematográficos de *Hollywood* e os valores simbólicos do “*American way of Life*” exportados pelas grandes empresas tem desempenhado um importante papel na construção da imagem dos Estados Unidos no plano internacional. De certa forma, a utilização de múltiplos canais de ação (estatais e não estatais) no processo de exportação da imagem de um país é considerada mais eficiente do que a utilização de um único (por meio do Estado).

Segundo Nye, a ascensão chinesa pode ser relacionada, de forma global, à dinâmica de transição do poder na ordem atual – que está migrando do ocidente para a parte oriental do mundo. Nesse contexto, a ascensão daquele país, apesar de não colocar em perigo a hegemonia dos Estados Unidos, tem um significado muito importante em um escopo regional (principalmente no Leste Asiático e no Mar do Sul da China). Dessa forma, o crescimento da zona de influência chinesa pode afetar aquela norte-americana. No entanto, isso não implica, na opinião de Nye, que a balança de poder possa ser invertida em favor da China nos próximos vinte e cinco anos. Ainda, no que concerne ao poder global, outro fenômeno notado pelo autor é o da “difusão” – de acordo com Nye, essa dinâmica corresponde à passagem de poder dos atores estatais para aqueles não estatais. Nesse segundo aspecto, é notável que a nova grande potência asiática ainda esteja muito atrás dos Estados Unidos – país no qual a política liberal permite uma maior participação do setor privado e da sociedade civil.

Em suma, a análise feita por Joseph Nye Jr. chega à conclusão de que o Século Americano, iniciado em 1941, ainda não acabou. No entanto, o que o mundo, e principalmente os norte-americanos, verão é um século diferente, em que os Estados Unidos não deterão uma parcela tão grande da economia como faziam antes, nem a liderança norte-americana será a mesma. Com relação a isso, o autor chama atenção dos analistas para o fato de que essa liderança nunca foi absoluta – tendo sido demonstrada em diferentes níveis ao longo desses 75 anos –, e não o será nos próximos anos, portanto. Para manter a sua primazia e as suas instituições, os EUA precisarão fazer alianças estratégicas com os novos atores tanto no plano externo quanto no plano interno.

Ao escrever o livro, dando importância aos tipos de poder (*Soft e Hard*), suas dinâmicas (difusão e transição) e ao declínio de países (absoluto e relativo), Nye expõe conceitos importantes, cuja aplicação poderia servir de base para a análise de outros Estados na ordem atual. Na esteira, o método utilizado e a sequência lógica da análise facilitam o acesso às informações contidas na obra tanto por especialistas em Política Externa norte-americana quanto para acadêmicos em Relações Internacionais e Ciências Políticas. Nos dias de hoje, um livro como *Is the American Century Over?* levanta questões sobre a dinâmica global e a participação dos atores (estatais e não estatais) de uma forma bastante sintética e inteligível. Para além, são disponibilizadas, ao final do livro, referências para uma leitura mais aprofundada sobre os aspectos abordados e os dados apresentados ao longo da obra.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

NYE JR., Joseph. **Is the American Century Over?**. Cambridge: Polity Press, 2015. p.146.

\_\_\_\_\_. **Joseph Nye Web Site**. Disponível em <<http://joenye.com/about>>. Acesso em 9 de junho de 2016.

\_\_\_\_\_. **Soft Power: The Means to Success in World Politics**. New York: Public Affairs, 2004. p.191.